

A JOANA CALOA

.... que outorgou para si o epíteto de ARRAISA,

Era uma mulher que para lá de ser muito activa, despachada e trabalhadeira, tinha a seu encargo o desempenho do cargo de *arraisa* - ou governadora¹- de terra, a quem eram remetidas as tarefas de orientação da Companhia. Assim, era seu mister cuidar da reparação das redes, do barco e aprestos, *encascar* o redame, olhar pelo tratamento dos animais, gerir o pessoal e, prover dedicada e especial atenção a todas as tarefas concernentes à separação, venda e despacho do peixe capturado.

Mulher fisicamente poderosa, mas simultaneamente bonita, airosa e prazenteira, tinha a elegância curva e estendida da proa do meia-lua. Braços longilíneos e poderosos a parecerem os remos do Xávega; olhos escuros, profundos, onde se acolhia o turbilhão do mar e de onde ressaltava a grande coragem que a levava a não hesitar, na falta de um tripulante, a emprestar uma mão ao cambão, remando como um maior. E à falta de *reçoeiro*, era ver a Joana a embarcar no meia-lua, não lhe faltando, nem jeito nem força, e muito menos quebreira, para o ir largando como mandavam as regras.

Naquele tempo havia o direito de **primazia**²: - o da escolha do campo de pesca, que era concedido ao primeiro barco que fosse para o mar. Joana - **a arraisa** - mais do que uma vez não hesitou, perante a demora do seu arrais, em desafiar três camaradas a embarcar com ela na *robaleira* e, levando a bandeira da Companhia, colocar-se no local que ficava, assim, reservado para os barcos da sua Companhia.

Filha do António da Quinta (do Cons. Luís Magalhães, porventura?), era mãe de quatro filhos, todos eles tendo um nome diferente (Manuel da Barbeira, mais tarde conhecido por cap. Pisco, Francisco Cãlão, mais tarde o Cap. F. Cãlão, David - oficial da Marinha Mercante que morreu muito cedo - e D. Nazaré Marques). Todos eram, contudo, filhos de seu marido João Simões da Barbeira (**O Pisco**).

¹ Os trabalhos das mulheres na Companhia, eram vários, e alguns bem esforçados e penosos: juntar as redes, levá-las para o barco, empurrar com a muleta, escolher o peixe, etc.

² Dá-se conta que oficialmente o direito de primazia teria terminado em 1861. Contudo as Companhas instituíam, e respeitavam, **a costumeira**, e nem o próprio Arrais podia mexer nos hábitos, costumes e privilégios antigos, que assim se mantinham muitos anos para lá das posturas camarárias.



fig. 143- Joana Câlôa

Mulher muito bonita e esmerada, era desempoeirada, muito mexida e ágil na lide, além de ser mulher de enorme ânimo e decisão.

Conta-se dela a seguinte história.

A Joana Câlôa ia usualmente levar o peixe branco a uma pensão a Aveiro. Debaixo dos Arcos, postava-se, por vezes, um senhor bem vestido, de paletó, chapéu e bengala, a que não faltavam ares de alguma distinção. Sempre que a Joana passava com a sacola do peixe, no regaço, o *fidalgote* não se escusava em dispensar um piropo atrevido à Joana. Que à primeira ouviu, o que pouco a importunou, nem lhe deu *créto*, pois *mulher séria não tem ouvidos*. Só que a cena repetiu-se, num *escaramento* atrevido, e era impossível à Câlôa fazer de conta que não ouvia o *peralvilho*, quinté parecia *augado*, e já começava a *inquisilar*. Por isso à terceira, parou, olhou o fidalgote de alto a baixo, desatou o lenço e foi-se à bolsa de onde tirou a navalha de estripar o *porfírio*³. E mostrando a lâmina afiadinha disse:

«Crendas ver? Ó malino! Queras ficar com uma boca em baixo igual à de cima, só que ao alto, seu desbocado simprinhas? Queras frescura?... olha aqui vai -e agarrando na alcofa achapou o peixe para cima do mancatrufe, deixando-o a escorrer nhanha.

E a Joana lá foi à Pensão contar o sucedido de, nesse dia, não haver peixe.. Só que passados uns tempos, o patrão da Companhia, o Sr. Cruz, grande amigo da família de Joana lhe veio dizer:

³ Porfírio é o cabo que fechava a coada (saco da rede). Era ao arrais que competia esventrá-lo.

-Ah Joana!.., cachopa. Que fizestas tu ao Sr. Dr. Juiz, rapariga? Tu vais presa!...,Pois atão não queiras lá ver que o pintiparado era oDr Juiz,raios...

- Ora... ora Ti Cruz: se é juiz que não achaque e falte ao respeito a quem passa.

E o certo é que não houve qualquer atitude do Juiz sobre a Joana, antes passou a olhá-la com o máximo respeito e educação.

Conta-se que durante uma ida a Lisboa numa representação da Companha, o rei D. Carlos teria reparado na esbelteza da Joana, e logo pretendeu que ela ficasse açafata do Príncipe D. Manuel.

Joana não mostrou grande interesse no convite, apesar da Rainha, ao que parece, ter prometido emprego ao marido da Joana, nos iates reais.

Mas era precisamente este, quem insistia com a Joana para não ela não aceitar o cargo. E entre vários pedidos sempre lhe dizia:

- Não vás Joana. E ósdepois quem me faz o laço da gravata, mulher?!

Joana não foi. E assentou para sempre arraiais na Costa-Nova, onde fez palheiro. Que hoje ainda existe, pertença de uma sua bisneta, que o recuperou na sua cor ôcre, de origem.



fig. 144- O Palheiro de Joana Càloa (Bela-Vista)

De onde teria vindo a alcunha, que depois e seguidamente deu origem, como tantas outras, a nome de família, mantido de geração em geração? Não se sabe ao certo, mas não andará longe aquele que imaginar, possa, assim ter acontecido:

- *Eh Toino... Simprinhas de um raio; mexe-te raios!... esperneia⁴ aí esse cãlão⁵.*

- *Esperneava, esperneava se fosse uma «cãlôa» em vez do «cãlão», «ti Joana»...*

- *C'al-te, home... come auga e bebe areia p'ra matares a fome... engelhado...*

E assim foi *bautizada*, a Joana, no *corrume* da vida de pescadeira da borda.

⁴ *Estender as alças do cãlão.*

⁵ *Cãlão - peça de madeira ligada às mangas da rede, com alça, onde se vão ligar o reçoeiro e ou a mão da barca.*